

ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA LÍNGUA BISSAU-GUINEENSE

Janifer Nunes da FONSECA¹
Cássio Florêncio RUBIO²

Resumo: A Guiné-Bissau é um país multilíngue e multicultural, situado na costa ocidental da África, entre dois países francófonos. A língua bissau-guineense é a língua franca, da união, de conforto e também mais falada do país, mas, apesar disso, ainda não está completamente descrita e não conta com uma norma-padrão. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo descrever os processos variáveis de alternância pronominal na língua bissau-guineense (também chamada de kriol, guineense ou crioulo guineense). Como base teórica, do ponto de vista descritivo, temos Couto e Embaló (2010); Intumbo (2007); Scantamburlo (1999, 2021), Danfá (2022), dentre outros. A abordagem é qualitativa/quantitativa, com a aplicação de formulários com ocorrências de emprego de formas pronominais, as quais foram submetidas a estudantes guineenses residentes no Brasil e na Guiné-Bissau. Os resultados apontam que: i) há processos de variação em todas as pessoas do discurso na língua bissau-guineense, no que se refere ao emprego dos pronomes; ii) As alternâncias pronominais ocorrem entre o emprego das formas clíticas e não-clíticas; iii) a não possibilidade de apagamento das duas formas pronominais está relacionada ao fato de a língua bissau-guineense não aceitar o sujeito nulo.

Palavras-chave: alternância pronominal; quadro pronominal; língua bissau-guineense.

Abstract: Guinea-Bissau is a multilingual and multicultural country located on the western coast of Africa, between two French-speaking countries. The Bissau-Guinean language is the lingua franca, a language of unity, comfort, and the most spoken language in the country. However, despite this, it is still not fully described and lacks a standardized norm. In this context, the present study aims to describe the variable processes of pronominal alternation in the Bissau-Guinean language (also called Kriol, Guinean, or Guinean Creole). The theoretical framework, from a descriptive perspective, includes Couto and Embaló (2010); Intumbo (2007); Scantamburlo (1999, 2021), Danfá (2021, 2022), among others. The approach is both qualitative and quantitative, involving the application of questionnaires with occurrences of pronominal forms, which were submitted to Guinean students residing in Brazil and Guinea-Bissau. The results indicate that: i) there are variation processes in all persons of discourse in the Bissau-Guinean language regarding the use of pronouns; ii) pronominal alternations occur between the use of clitic and non-clitic forms; iii) the impossibility of omitting both pronominal forms is related to the fact that the Bissau-Guinean language does not allow null subjects.

Keywords: pronoun alternation; pronominal framework; bissau-Guinean language.

Introdução

A língua bissau-guineense (guineense, crioulo guineense ou kriol) é a mais falada na Guiné-Bissau e desempenha um papel crucial na vida do povo, refletindo a diversidade humana do país. Como uma nação multilíngue e multicultural, a Guiné-Bissau abriga uma

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, Brasil; janifernf@estudante.ufscar.br.

² Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, Brasil; cassiorubio@ufscar.br, orcid: 0000-0002-6986-1381

variedade de etnias, cada uma com sua forma de expressão linguística. Nesse contexto, o bissau-guineense se destaca como a língua de unidade nacional, contribuindo para a comunicação e a integração entre os diferentes grupos. Essa língua não apenas serve como um meio de interação diária, mas também é um elemento vital na construção da identidade nacional, promovendo a coesão social em meio à rica pluralidade do país.

Nesse ambiente multilíngue, o guineense é dominado por aproximadamente 90,4% dos falantes (INE, 2009)³. Mesmo não sendo a língua oficial do país, é língua do cotidiano, utilizada nas instituições públicas, discursos oficiais e nas sessões parlamentares da Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau (Couto; Embaló, 2010). Em outras palavras, a língua bissau-guineense é considerada, hoje, língua de unificação do plurilinguismo existente no país, facilitando a relação entre os povos que vivem naquele território.

Embora esse idioma seja majoritário na Guiné-Bissau e, como já apontado, tenha relevante papel na sociedade, ainda não está presente no ensino e há poucos trabalhos que já se dedicaram a descrevê-la, o que, por consequência, impede que se tenha, até o momento, subsídios para a elaboração de materiais didáticos. Para além disso, a língua ainda é transmitida na modalidade oral de geração em geração e não possui uma escrita padronizada, ocasionando considerável variação de grafia.

Esses pontos ressaltam a realidade linguística da Guiné-Bissau, com especial atenção ao papel significativo da língua bissau-guineense dentro desse contexto. A língua não apenas serve como meio de comunicação, mas também representa a identidade cultural da maioria da população guineense.

A escolha do tema deste estudo se justifica, portanto, por sua relevância em abordar uma realidade vivida por grande parte dos guineenses, que frequentemente empregam a língua bissau-guineense em seu dia a dia. Além disso, a pesquisa visa proporcionar subsídios que contribuam para o desenvolvimento dessa língua em direção a uma norma-padrão. Esse aspecto é essencial, pois a normatização da língua é um passo importante para fortalecer sua presença nos ambientes educacionais e sociais. Ao promover a língua bissau-guineense e suas estruturas, buscamos não apenas valorizar a cultura local, mas também elevar seu status linguístico, assegurando que ela ocupe o lugar que merece no panorama linguístico da Guiné-Bissau.

Para facilitar a compreensão das propostas deste trabalho, buscamos apresentar um breve histórico da língua em questão, contextualizando o sistema linguístico guineense e fornecendo suporte teórico que ajude o leitor a compreender mais aspectos da realidade linguística da Guiné-Bissau. Com essa base, o presente estudo tem como objetivo descrever o uso dos pronomes pessoais na função de sujeito e analisar o quadro pronominal da língua bissau-guineense.

A contextualização linguística da Guiné-Bissau, abordada em nosso trabalho, é essencial para compreender a formação e a função da língua bissau-guineense, tanto antes, quanto após a colonização, assim como seu papel na comunidade guineense. Embora não possamos abranger toda a gramática da língua em um trabalho dessa dimensão, a descrição dos aspectos relacionados à alternância pronominal será um contributo para futuras pesquisas, que poderão explorar outros elementos e auxiliar na elaboração de uma gramática de usos da língua.

Estruturalmente, este trabalho está organizado da seguinte forma: na introdução, apresentamos informações sobre o objeto da pesquisa, os objetivos, as motivações e a justificativa que fundamentam este estudo. O segundo tópico aborda a fundamentação

³ Esta informação é baseada nos dados do Censo de 2009, realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) da Guiné-Bissau. Um novo recenseamento está programado para este ano de 2024.

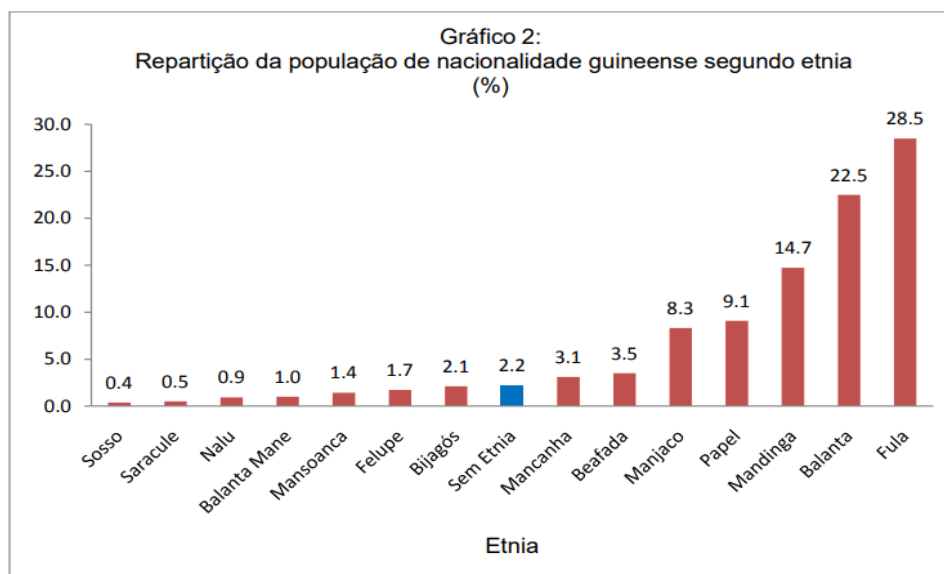
teórica, com base nas obras de estudiosos sobre o contexto linguístico guineense e a alternância pronominal na língua bissau-guineense. O terceiro tópico foca na metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa. O quarto tópico analisa os resultados e os dados coletados a partir dos questionários aplicados. Por fim, o último tópico traz as considerações finais, resumindo as ideias discutidas ao longo do trabalho.

O sistema linguístico guineense

Como já mencionado, a Guiné-Bissau é um dos países com maior diversidade étnica em África e, conseqüentemente, apresenta também grande diversidade linguística, pois cada um dos grupos étnicos possui sua própria língua. Vale acrescentar que cada um desses grupos possui também a sua própria estrutura social, os ritos, formas de adorar seu deus e diferentes formas de organizar as cerimônias (Nhaga, 2011).

O sistema linguístico da Guiné-Bissau é fundamentado no modelo trifocal proposto por Petter (2015), caracterizando uma situação triglôssica em que três línguas – o português, a língua bissau-guineense e diversas línguas étnicas – são empregadas dentro da mesma comunidade, cada uma desempenhando papéis distintos e complementares. A língua portuguesa é a língua oficial, utilizada em documentos governamentais, relações diplomáticas internacionais e na educação, abrangendo desde o ensino primário até o superior; a língua bissau-guineense, reconhecida como língua nacional, é a mais falada no país e é utilizada no cotidiano para estabelecer laços interétnicos, sendo vista como a língua da união; as línguas étnicas são empregadas na comunicação entre pessoas da mesma origem étnica e utilizadas em contextos mais específicos, como as interações familiares e as aldeias. Essa estrutura linguística destaca a diversidade social da Guiné-Bissau, evidenciando a importância de cada língua e seu papel nas relações sociais e na identidade nacional.

Não há definição exata do número de línguas existentes na Guiné-Bissau. Diferentes números são revelados em pesquisas, em sua maioria, observacionais. Para Embaló (2008), são mais de duas dezenas; segundo o Censo da Guiné-Bissau (2009), são 14 línguas; para Grimes (1988), são 20 línguas; para Scantamburlo (1999), são 27 línguas étnicas, pertencentes a duas das sete subfamílias da família Níger-Congo; para Augel (2007), são dezenas de grupos e subgrupos heterogêneos; para Nhaga (2011), são mais de 30 línguas/grupos.



Fonte: Censo (2009, p. 22)

O Censo de 2009 apresentou a seguinte distribuição étnica da população guineense: Fula (28,5%), Balantas (22,5%), Mandingas (14,7%), Pepel (9,1%), Mandjaco (8,3%), Biafada (3,5%) e Mancanha (3,1%), entre outros. Essa variedade étnica evidencia a rica tapeçaria cultural da Guiné-Bissau, como se demonstra no Gráfico acima.

Não é demais lembrar que o contexto linguístico da Guiné-Bissau, antes da invasão portuguesa, já era de um país diverso, ou seja, historicamente, já se constituía como multilíngue e multiétnico. Ainda cabe enfatizar que a língua bissau-guineense, atualmente empregada, é uma língua autônoma, tanto do ponto de vista gramatical como lexical, constituindo-se em uma forma de comunicação “completa, complexa, plena e funcional para seus usuários”, sendo a primeira língua de uma parcela expressiva da população, diferenciando-se de outras línguas dentro e fora do país e atendendo a todas as necessidades comunicacionais (Djaló, 2023, p. 69). Apesar disso, a língua bissau-guineense ainda é uma língua de tradição predominantemente oral, com uma escrita em processo de estruturação, ou seja, até o momento, não há uma ortografia oficial. Essa situação aponta a necessidade da implementação de políticas linguísticas que promovam a descrição da língua e que subsidiem a produção de gramáticas e dicionários, que possam registrar uma norma-padrão, a ser ensinada nas escolas, em um processo semelhante ao que se verificou, gradativamente, por exemplo, com as línguas europeias, em séculos anteriores.

Independentemente da oficialização, a língua bissau-guineense está cada vez mais presente na cultura, ocupando gradativamente mais espaços, principalmente na literatura, na música, na televisão, na Assembleia, nas cantigas de mandjuandadi e nos cantos de guerreiros contra o jugo colonial.⁴ Embaló (2008) ressalta, inclusive, que, apesar de ser predominantemente uma língua de tradição oral, já se vislumbra um número considerável de textos escritos em guineense.

Alternância pronominal na língua bissau-guineense

Os pronomes pessoais, em português, são formas como *eu, você, tu, ele (ela), a gente, nós, vocês, vós, eles (elas), me, mim, comigo, te, ti, contigo* e outras que representam as pessoas do discurso. Algumas delas se alternam para a representação do mesmo referente, ou seja, da mesma pessoa do discurso, principalmente em função de sujeito. Por exemplo, dizemos “*Nós* chegamos em casa” ou “*A gente* saiu logo após o almoço”, empregando, para representação da primeira pessoa do plural, duas formas diferentes, que se alternam, o *nós* e o *a gente*. Assim, essas formas são variantes da variável pronomes de primeira pessoa do plural.

Na língua portuguesa, esse processo de alternância pronominal em função de sujeito ocorre, em grande parte das variedades, principalmente, na segunda pessoa do discurso no singular, entre as formas *tu* e *você*, e na primeira pessoa do discurso no plural, entre as formas *nós* e *a gente* (Rubio, 2012).

Para o português brasileiro e também de Portugal, especificamente sobre o fenômeno de alternância de primeira pessoa do plural, há vários estudos que registram

⁴ As cantigas de Mandjuandadi estão relacionadas às reuniões de grupos de mulheres para realizar atividades festivas, com o objetivo de lidar com as adversidades da vida familiar e social. Esses grupos se baseiam em sentimento de solidariedade mútua, expressando seus vínculos por meio de canções e danças que refletem as tradições guineenses. Essas cantigas, em particular, desempenham um papel importante nessa expressão cultural, servindo como uma forma de celebração e resistência nas suas práticas comunitárias. (Cá, 2023).

esse processo de variação, como os de Omena; Braga (1996), Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2002), Coelho (2006), Mattos (2010), Antonino; Bandeira (2011), Vianna (2011) e Rubio (2012), dentre muitos outros.

Em línguas africanas, principalmente as de gênese mais recente, como são as línguas genericamente denominadas de “crioulas”, esses processos ainda não foram registrados por completo e, para algumas línguas, como a bissau-guineense, há apenas registros e relatos com base em estudos qualitativos, com ocorrências, normalmente, produzidas pelos próprios pesquisadores.

A escassez de estudos é plenamente justificada, principalmente, pelos motivos que seguem: i) há, ainda, poucos registros escritos da língua, que ainda se pauta na oralidade; ii) o país, único local de existência da língua, passa por estruturação política e institucional, não possuindo centros acadêmicos e de pesquisa linguística; iii) a língua, embora empregada amplamente na Guiné-Bissau, não goza do mesmo status da língua portuguesa, oficial no país; iv) não há manuais ou gramáticas de uso, com prescrições ou descrições completas. Na sequência, apresentamos alguns dos trabalhos que já se dedicaram à investigação da língua bissau-guineense, em especial, tratando de aspectos relacionados a nossa temática.

Cá (2021) salienta que a estrutura pronominal da língua bissau-guineense provém das línguas de que é originário, o português e as línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau. Os pronomes pessoais são flexionados em número e os outros pronomes, dependendo do contexto em que são adicionados, podem ou não ser flexionados. Dessa forma, diferentemente do que acontece na língua portuguesa padrão, em que os pronomes morfologicamente flexionam-se quanto ao gênero e número, respectivamente, como em ele → ela, teu → tua, nosso → nossa, algum → alguma, aquele → aquela etc., e como em ele → eles, nosso → nossos, aquele → aqueles, a flexão, em bissau-guineense, ocorre somente nos pronomes pessoais, no número (singular x plural), mas não ocorre flexão no gênero. Sendo assim, é empregada uma forma única tanto para masculino quanto para feminino (Margotti e Margotti, 2011). Ainda podemos acrescentar que, na língua bissau-guineense, essa mesma regra não se aplica para pronomes de outra natureza, como, por exemplo, os possessivos, que são invariáveis, ou seja, não se flexionam, como em nha → minha/meu, minhas, meus.

Cardinaletti & Starke (1994, apud Danfá, 2021) propõem uma classificação tripartida do sistema pronominal, em forma forte, fraca e clítica; e explica que, dependendo de cada língua, essa forma pode fazer parte do paradigma de pronomes. Na língua bissau-guineense, os três tipos do pronome podem ser encontrados, porém com algumas características próprias. Conforme registram os autores, os pronomes fracos e os clíticos (*deficient elements*), do ponto de vista morfológico, são mais reduzidos do que os pronomes fortes (*strong elements*). Os dois primeiros evidenciam restrições em suas configurações, incluindo coordenação, ou seja, não podem ser coordenados, diferentemente dos pronomes fortes, que podem.

Duarte (2008) aponta que os pronomes fortes, fracos e afixos de concordância reúnem os traços de número e pessoa e, nas línguas com sujeito nulo, observa-se que os pronomes fortes ocorrem junto dos pronomes fracos e dos afixos de concordância. Em línguas com sujeito obrigatório, como inglês e francês, o caso do pronome forte normalmente é acusativo e dativo, enquanto em línguas com sujeito nulo, o pronome forte é do caso nominativo.

No que se refere à natureza dos afixos de concordância na língua bissau-guineense, os verbos transitivos e intransitivos obtêm os prefixos de concordâncias {m ~ n ~ N} “eu”; {bu} “tu”; {no} “nós”, {bo} “vós”, “eles” {e}, {i-}, que redobram os traços

dos pronomes fortes ami “eu”, abo “tu”, anos “nós”, abos “vós”, el “ele(a)” (Duarte, 2008).

De acordo com Velupillai (2012, apud Danfa, 2021), os clíticos pronominais são conhecidos, do ponto de vista fonológico, como dependentes do núcleo verbal, porém são independentes, do ponto de vista sintático. Os clíticos são uma versão reduzida de uma outra forma livre, que são as não-clíticas. Conforme Poletto e Tortora (2016, apud Danfá, 2021, p. 64) registram, o termo “clítico” é empregado para se referir à redução de morfema que depende fonologicamente e/ou sintaticamente da outra estrutura linguística, em que forma um determinado tipo prosódico e/ou agrupamento sintático. A diferença entre um clítico sujeito e um clítico objeto é que “o clítico sujeito pronominaliza um sujeito, enquanto o clítico objeto pronominaliza um objeto”.

Segundo aponta Danfá (2021), os pronomes pessoais do caso reto, ou seja, os pronomes fortes (não-clíticos) são vistos como os que ocupam a posição do sujeito (ou de argumento externo do verbo); por outro lado, os pronomes clíticos, chamados de oblíquos, são os que ocupam posição de objeto ou de complemento verbal (ou seja, um argumento interno do verbo). Os clíticos pronominais, entretanto, ocorrem em diferentes lugares: antes do verbo, após o verbo, em meio ao verbo e dentro da própria raiz verbal (Velupillai, 2012, apud Danfá, 2021).

A palavra “clítico” é utilizada para apontar uma relativa (ou pequena) redução de morfema que necessita, do ponto de vista fonológico ou sintático, de outras unidades linguísticas, com as quais ele organiza uma juntura prosódica e/ou sintática. No que se refere à posição de sujeito, vale frisar que, na língua bissau-guineense, há uma coincidência entre as formas clíticas e não-clíticas, já que ambas podem ocorrer nessa posição. (Danfá, 2021).

Para a classificação sintática das formas pronominais da língua bissau-guineense, foram levantadas algumas propostas, como a de Scantamburlo (1999), a de Intumbo (2007), a de Matche (2017) e a de Danfá (2021). Conforme aponta Scantamburlo (1999), no que se refere à função do sujeito, os pronomes pessoais-sujeito, na língua bissau-guineense, possuem duas formas, a forma secundária (S) e a forma principal (P). Matche (2017) nomeia essas duas formas de emprego pronominal de formas primárias e secundárias, como pronomes pessoais em função de sujeito em guineense, sendo que as formas primárias podem ser suprimidas.

Intumbo (2007) alega que a língua bissau-guineense e o balanta separam os pronomes pessoais em enfáticos e não-enfáticos,⁵ sendo que os pronomes pessoais enfáticos do guineense, de maneira alguma, podem ser argumentos do predicado. Essas duas formas pronominais podem ocupar a função gramatical do sujeito, mas somente os não-enfáticos podem realizar as funções de objeto direto e objeto indireto (Intumbo, 2007).

Danfá (2021) menciona que essas duas formas são chamadas de não-clíticas e se encaixam nos pronomes fortes e fracos. Vale a pena notar que pretendemos tratar a forma fraca como não-clíticas, uma vez que apresenta uma redução morfológica menor que os clíticos. A seguir, no quadro 1, são apresentadas as formas dos pronomes pessoais na língua bissau-guineense.

⁵ Balanta é uma língua Oeste-Atlântica e um dos substratos mais relevantes do crioulo guineense em termos de influência histórica na sua formação e em termos da atual influência dos falantes bilíngues (Intumbo, 2007).

Quadro 1: Quadro pronominal da língua Bissau-guineense (kriol).

Pessoas	Formas não-clíticas		Formas clíticas	
	Pronome forte/sujeitos	Pronome fraco/objetos preposicionados	Clíticos sujeito	Clíticos objeto direto/indireto
1PS	Ami	Mi	N	N
2PS	Abo	Bo	Bu/ u	U
3PS	El	El	I	L
1PP	Anôs	Nôs	Nô	Nô
2PP	Abos	Bos	Bo	Bos
3PP	Elis	Elis	E	Elis

Fonte: Danfã (2021, p. 277)

Nesse quadro, as duas primeiras colunas mostram as formas dos pronomes não clíticas, como pronomes fortes (forma plenas) e pronomes fracos (formas reduzidas), respectivamente. E as duas últimas colunas contêm formas clíticas que são morfologicamente mais reduzidas que os pronomes fracos. Podemos ver que as três colunas (primeira, segunda e última) contêm pronome pessoal híbrido (*elis*), que mostra as características formais e funcionais de pronomes fortes, pronomes fracos e pronomes clíticos. Portanto, como já explicado, pode funcionar tanto na forma não-clítica quanto na forma clítica, dependendo do contexto.

No que se refere às posições das formas pronominais, podem aparecer como sujeitos, objetos diretos e/ou objetos indiretos. Entre elas estão as formas pronominais não clíticas, as formas clíticas e uma forma híbrida. Enfatizamos que pode haver coocorrência de formas não clíticas e clíticas, isto é, a duplicação pronominal na mesma sentença. (Danfã, 2021).

Metodologia

O estudo tem uma natureza sociolinguística variacionista, fundamentado nos pressupostos metodológicos dessa teoria, que considera a relação entre variáveis e variantes. O trabalho consiste nas seguintes etapas: a) seleção de referências bibliográficas, incluindo artigos, livros, dissertações e teses; b) construção do corpus da Guiné-Bissau, com dados referentes à língua bissau-guineense obtidos por meio de questionários escritos; c) análise dos resultados dos questionários aplicados, que foram preenchidos por 63 falantes nativos da Guiné-Bissau, conforme detalhado adiante.

Foram elaboradas 13 sentenças, baseadas em trabalhos descritivos, como a gramática de Perini (2005) e a gramática de usos do português de Neves (2000). Essas sentenças apresentavam diferentes estruturas, tanto no singular quanto no plural, abrangendo todas as pessoas do discurso, com o objetivo de coletar dados sobre a alternância pronominal. Além disso, foram incluídas sentenças com outras estruturas, para servir como distratores.

Após organizarmos o conteúdo, inserimos o material no *Google Forms*, para que os participantes pudessem traduzir o material em português para a língua bissau-guineense (kriol). Enviamos o formulário via WhatsApp para grupos de estudantes guineenses do curso de Letras, grupos de amigos, familiares e participantes de danças tradicionais da Guiné-Bissau. Ao todo, 63 participantes responderam à pesquisa, que coletou também informações sobre algumas características sociais, como idade e primeira língua adquirida, embora essa estratificação não seja empregada nesse recorte. É

importante ressaltar que a pesquisa tem um caráter exploratório, dada a escassez de investigações sobre essa língua, constituindo um passo relevante para futuros estudos sociolinguísticos que possam utilizar bancos de dados socialmente estratificados, os quais possam investigar fenômenos variáveis na língua bissau-guineense.

Após a coleta de dados, as respostas foram reunidas de acordo com a pessoa do discurso, pois, durante a aplicação do formulário, foram apresentadas fora de ordem, para que os participantes não percebessem os reais motivos da coleta, ou seja, o estudo da alternância pronominal. Para a análise quantitativa, selecionamos ocorrências que abordam as categorias pronominais, observando todas as possibilidades de resposta.

No levantamento de frequências de uso, foi considerado o aparato teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, mais especificamente, o pacote estatístico Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005), para quantificação. A abordagem Sociolinguística é fundamental para entender os recortes da língua em uso dentro da comunidade de fala, reconhecendo os processos variáveis como características intrínsecas a todas as línguas naturais (Labov, 1966; Weinreich, Labov, Herzog, 2006).

Em línguas naturais, que possuem modalidade escrita com norma-padrão já historicamente constituída, é notória a diferença entre as modalidades escrita e oral, apresentando esta última aspectos característicos e apresentando-se mais suscetível aos processos de variação e mudança. Especificamente no contexto da língua bissau-guineense, a modalidade oral é amplamente predominante e, como já aludido, ainda não há manuais ou gramáticas de cunho prescritivo, o que faz com que as produções escritas se caracterizem por reproduzir e registrar as manifestações da outra modalidade.

Como mencionado, analisamos as respostas obtidas de um total de sessenta e três (63) participantes, dentre os quais, trinta e três (33) homens e trinta (30) mulheres, todos falantes nativos da língua alvo da investigação. Embora não tenha ocorrido uma estratificação equânime das amostras em diferentes perfis, seguindo os moldes de estudos linguísticos de comunidades de fala, os participantes tinham idade entre 16 e 33 anos, escolaridade que varia do ensino médio ao nível superior (incluindo graduandos, mestrandos e doutorandos), de naturalidade guineense (nascidos na Guiné-Bissau), e residentes tanto na Guiné-Bissau quanto no Brasil.

Na apresentação de resultados, são evidenciadas as construções presentes nas 63 entrevistas realizadas, sendo analisada a sentença produzida pelo participante para cada uma das três pessoas do discurso no singular e no plural. Houve, dessa forma, a consideração de um total de 378 ocorrências.

Análise de dados e resultados

Em nossa apresentação de resultados, baseada em produções reais dos participantes, primeiramente, procedemos à análise qualitativa e, em seguida, evidenciamos resultados quantitativos, considerando as frequências de uso dos fenômenos variáveis de alternância pronominal entre o emprego das duas formas e de uma única forma⁶.

Seguem as sentenças, com base nas ocorrências registradas, as quais são descritas detalhadamente. Os pronomes em posição de sujeito estão em negrito:

⁶ Optamos pela estratégia de arredondamento das frequências, sem emprego de casas decimais.

1. *Ami N'kumpra es panu di pinti na ferra di Bandé.* (1PS)
(Eu comprei este pano de pente no mercado de Bandim).
2. *Anôs nô papia ba dja ku el sobre es.* (1PP)
(Nós já tínhamos falado com ele sobre isso)
3. *Abo bu ka dibi di papia ba ku el des manera.* (2PS)
(Tu/você não devias falar com ela desta maneira)
4. *Abos bo dibi di participa na campeonato di futebol.* (2PP)
(Vocês devem participar no campeonato de futebol).
5. *El i ta kumpra ba pon tudu dia.* (3PS)
(Ele/a comprava pão todos os dias)
6. *Elis e mora ba djuntu.* (3PP)
(Elas/Eles moravam juntas/os)

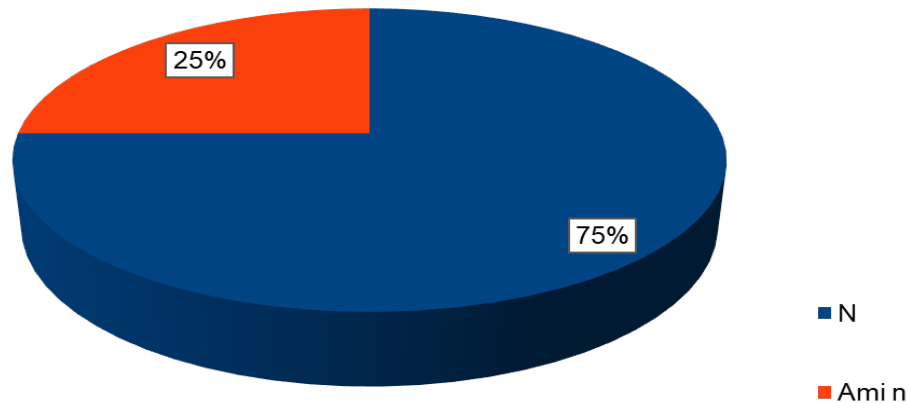
Nessas sentenças, houve a duplicação, ou seja, houve a co-ocorrência de pronomes, clíticos e não-clíticos, entretanto, estudos mais recentes, como o de Intumbo (2007), de Matche (2017) e de Danfá (2021), têm revelado, a possibilidade de apagamento de uma dessas formas, a não-clítica, ou seja, um fenômeno variável de alternância entre o emprego de duas formas ou de apenas uma, como podemos verificar na ocorrência que segue (apagamento de *Ami*):

7. *N'ganha e presente di nha mame.*
(Ganhei este presente da minha mãe)

Esses processos de variação foram recorrentes, em nosso corpus, em todas as pessoas do discurso, desde a primeira do singular até a terceira do plural, como apresentaremos na sequência.

Para a análise, selecionamos as ocorrências do corpus que especificamente apresentavam pronomes pessoais em posição de sujeito (uma para cada pessoa do discurso, com emprego de pronome pessoal em posição do sujeito). Segue a sentença considerada para a composição do gráfico referente à variação de primeira pessoa do singular entre as formas *N* e *Ami N*.

8. *N'kumpra es panu di pinti na fêra di Bandé.*
Ami N'kumpra es panu di pinti na fêra di Bandé.
(Eu comprei este pano de pente no mercado de Bandim)

Gráfico 1. Variação entre as formais pronominais de 1PS: *Ami N* e *N*

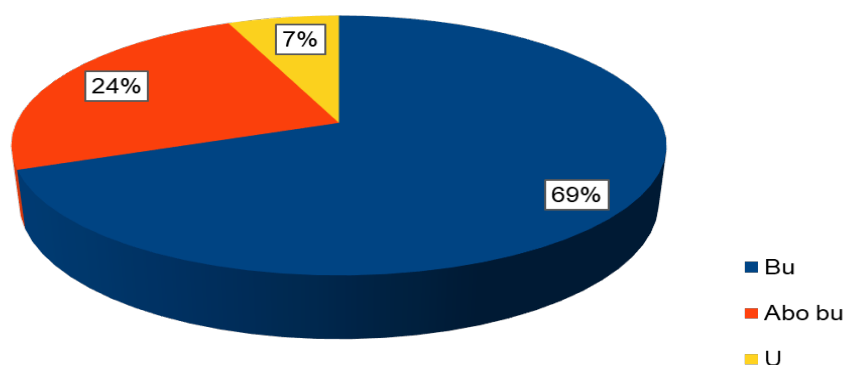
Fonte: elaborado pelos autores

Considerando-se as respostas dos 63 participantes para esta sentença de primeira pessoa, percebemos que a maior parte empregou a forma “N”, ou seja, usaram a estrutura composta de uma única forma pronominal (75% do total em oposição a 25% de emprego da forma pronominal dupla, *Ami N*). Esses resultados, em primeiro lugar, relatam um processo de variação entre essas formas e, predominantemente, o emprego da forma com apenas uma estrutura, o que poderia sinalizar um possível processo de redução fonológica e de apagamento do conteúdo redundante, aos moldes do que foi verificado em outros fenômenos variáveis, tendendo a um processo de economia linguística.⁷

Na sequência, apresentamos a sentença considerada para análise da alternância pronominal de segunda pessoa do singular (2PS) e seu respectivo gráfico de frequências.

9. *Bu ka dibidi papia ba kel sin.*
Abo bu ka dibidi papia ba kel sin.
U ka dibidi papia ba kel sin.
 (Tu não devias falar com ela desse jeito)

⁷ Entende-se que a economia linguística é um fenômeno que possui a premissa de eliminar certos termos, com propósito de facilitar e reduzir o ato da fala e também criar novas configurações linguísticas, com a finalidade de aumentar a efetividade da comunicação (Bagno, 2011; Medeiros, 2013).

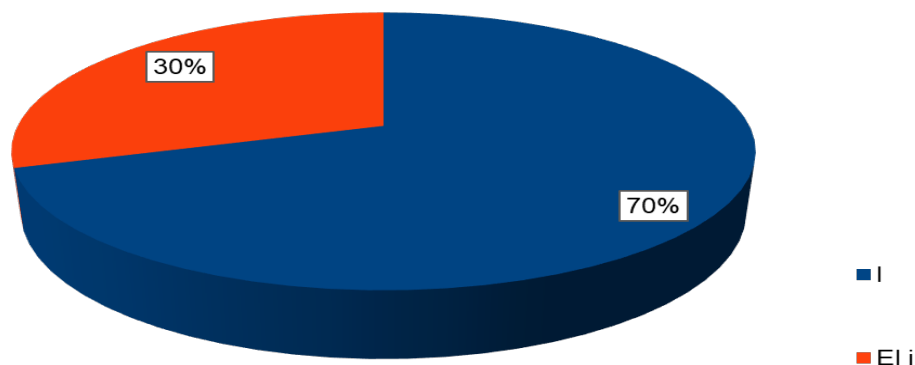
Gráfico 2. Variação entre as formas pronominais de 2PS: *Abo bu*, *bu* e *u*

Fonte: elaborado pelos autores

Como podemos observar, há um processo de variação de 2PS, com o emprego de três formas alternantes (*abo*, *bu* e *u*). A forma empregada com maior frequência é a forma “*bu*”, com quase 70% de frequência de uso nas respostas (43 ocorrências). A forma pronominal dupla, com pronome clítico e não-clítico (*Abo bu*) ocorreu com 24% de frequência (15 ocorrências) e a forma reduzida, composta apenas do morfema *u*, foi empregada por 7% dos participantes (5 ocorrências). A análise geral desse processo pode sugerir a mesma tendência da variação de primeira pessoa do singular, haja vista haver maior emprego da forma não redundante, composta pela estrutura *bu* ou apenas sua forma reduzida, *u*.

Segue a sentença considerada na análise frequencial do fenômeno de alternância pronominal de terceira pessoa do singular (3PS), que se dá entre as formas *i* e *El i*, seguida do respectivo gráfico.

10. *I ta kumpra ba pon tudu dia.*
El i ta kumpra ba pon tudu dia.
 (Ele comprava pão todos os dias).

Gráfico 3. Variação entre formas pronominais de 3PS: *el i* e *i*

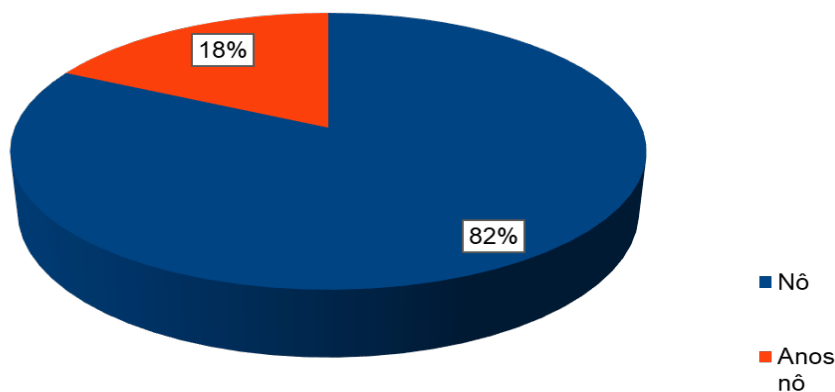
Fonte: elaborado pelos autores

Como pode ser observado, há o predomínio de respostas dos participantes com o emprego da forma pronominal clítica (*i*), com 70% de frequência (44 ocorrências), contra 30% de emprego da forma pronominal dupla (*El i*) (19 ocorrências). A tendência já verificada nos outros fenômenos variáveis de alternância pronominal da língua bissau-guineense se mantém, com a forma não redundante sendo a mais empregada. Vale ressaltar que se trata apenas de uma hipótese relacionada ao princípio da economia linguística, que deve ser confirmada com base em novos estudos que, para além da análise das frequências gerais de emprego das formas alternantes, considerem também fatores de ordem linguística e extralinguística, apontando possíveis tendências de mudança em progresso.

Dando prosseguimento à análise quantitativa dos fenômenos de alternância pronominal na língua bissau-guineense, apresentamos a sentença considerada para primeira pessoa do plural (1PP) e o respectivo gráfico de frequências de uso das formas em variação. A alternância, neste caso, dá-se entre as formas *nô* e *Anôs nô*.

11. *Nô papia ba dja ku el sobri és.*
Anôs nô papia ba dja ku el kusa di kila.
 (Nós já tínhamos falado com ele sobre isso)

Gráfico 4. Variação entre formas pronominais de 1PP: *anos nô* e *nô*



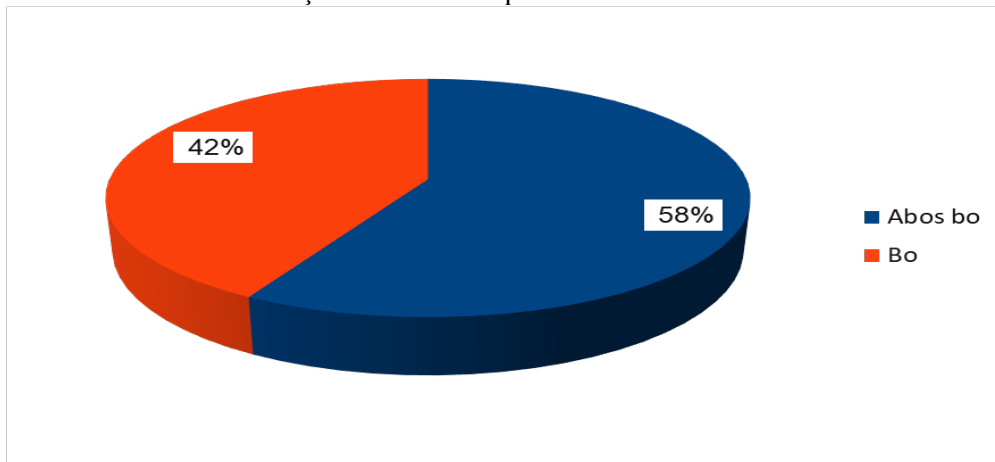
Fonte: elaborado pelos autores

Os resultados extraídos das respostas dos participantes evidenciam 82% de emprego da forma única *nô* (52 ocorrências), em oposição a apenas 18% de emprego da forma pronominal dupla *anos nô* (11 ocorrências). A tendência já vislumbrada nos fenômenos anteriores, relacionados à alternância pronominal, repete-se também para a 1PP, com maior emprego da forma sem redundância.

Prosseguindo com nossa análise quantitativa apresentamos a sentença de segunda pessoa do plural (2PP). A alternância, nesse caso, ocorre entre as formas pronominais *bo* e *abos bo*.

12. *Bo dibidi participa na campeonato di futebol.*
Abos bo dibidi participa na campeonato di futebol.
 (Vocês devem participar no campeonato de futebol)

Gráfico 5. Variação entre formas pronominais de 2PP: *abos bo* e *bo*



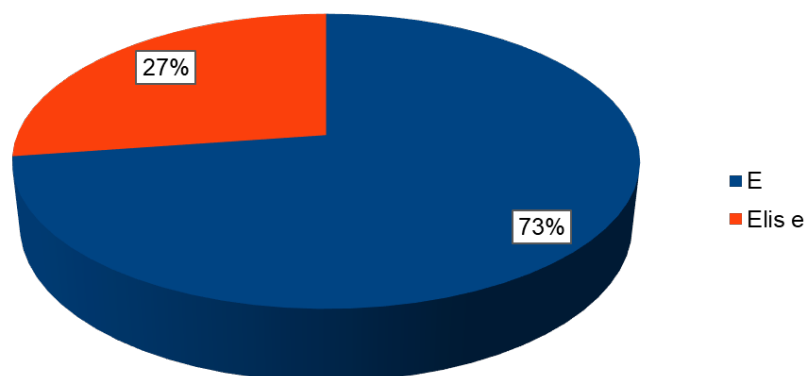
Fonte: elaborado pelos autores

Como podemos constatar no gráfico, 58% das ocorrências produzidas pelos participantes apresentaram o emprego da forma pronominal dupla, *abos bo* (37 ocorrências), e os 42% restantes, a forma simples, *bo* (26 ocorrências). Esse resultado difere da tendência geral de variação apresentada para as demais pessoas do discurso, pois houve, nos casos anteriores, a preferência pela forma reduzida, que não apresenta redundância informacional, com o emprego de dois pronomes representando a mesma pessoa e número.

Uma possível explicação para essa caracterização ímpar do processo de alternância pronominal de segunda pessoa do plural, a qual carece de confirmação com estudos mais aprofundados e centrados especificamente nesse fenômeno, seria de que as formas pronominais reduzidas de segunda pessoa do singular e do plural assemelham-se bastante, guardando apenas uma pequena diferença fonético-fonológica, com vogal pouco mais alçada no plural (*bo* > singular x *bu* > plural), como podemos observar nas sentenças: *Bu dibidi participa na campeonato di futebol* x *Bo dibidi participa na campeonato di futebol*. Em nossa análise, essa proximidade sonora poderia gerar entre os falantes uma possível ambiguidade de referente (você x vocês, em português), quando empregado somente o pronome único. Essa ambiguidade levaria ao maior emprego da forma dupla, a qual permitiria a desambiguação (*abo bu* > singular x *abos bo* > plural), como se evidencia na oposição entre as sentenças: *Abo bu dibidi participa na campeonato di futebol* x *Abos bo dibidi participa na campeonato di futebol*.

No que se refere à alternância pronominal na língua-guineense, centrado na terceira pessoa do plural (3PP), temos:

13. *E mora ba djuntu.*
Elis e mora ba djuntu.
 (Elas moravam juntas)

Gráfico 6. Variação entre formas pronominais de 3PP: *elis e e e*.

Fonte: elaborado pelos autores

O gráfico 6 aponta maior frequência de emprego da forma clítica única do pronome de 3PP, com 73% das respostas dos participantes (46 ocorrências) e, em oposição, 27% de emprego da forma com o pronome duplo, *elis e* (17 ocorrências). A tendência mantém-se a mesma da maioria das demais pessoas do discurso (1PS, 2PS, 3PS e 1PP), com a forma única, sem duplicação, prevalecendo em mais de dois terços das ocorrências. A exceção se fez apenas para a alternância de 2PP, previamente debatida.

Esses resultados frequenciais, de modo algum, abarcam toda a complexidade dos fenômenos variáveis relacionados à alternância pronominal na língua bissau-guineense, entretanto contribuem de forma relevante para que já se anuncie, em primeiro lugar, que há fenômenos variáveis em todas as pessoas e, em segundo lugar, que pode haver possíveis mudanças em progresso, caminhando em direção à simplificação do quadro pronominal, o que, em língua ágrafas, pode ocorrer de forma mais rápida do que em línguas que já possuem uma norma-padrão constituída.

Considerações finais

Considerando a discussão feita até aqui, percebe-se que, na língua bissau-guineense (kriol), há processos de variação em todas as pessoas do discurso, no que se refere ao emprego dos pronomes pessoais em posição de sujeito. As alternâncias pronominais se dão entre a ocorrência das formas clíticas e não clíticas, com emprego categórico da forma clítica e emprego variável da forma não-clítica.

A não possibilidade de apagamento das duas formas pronominais (sujeito desinencial, como ocorre em português) está relacionada ao fato de, na língua bissau-guineense, não haver marcas de concordância nos verbos, sendo empregada esta em estrutura invariável, cabendo ao SN-sujeito a marca de número e de pessoa.

Cabe destacar, em relação à análise quantitativa, a maior tendência geral de uso, por parte dos participantes, da construção com apenas uma forma pronominal, sinalizando uma possível mudança em progresso em favor da simplificação do quadro pronominal.

As características e fenômenos apresentados ao longo de nossa discussão permitiram que se fizesse conhecer um pouco mais de uma língua ainda pouco explorada pelos estudos linguísticos, seja por ainda se encontrar em um processo de gênese recente, seja por não gozar de mesmo prestígio e status de outras línguas modernas.

Em nossa visão, há muito a ser conhecido no continente africano e, em especial, no pequeno país chamado de Guiné-Bissau. Esse território de extensões modestas guarda

em seu interior um complexo universo linguístico e uma língua de características únicas, como são todas as línguas naturais, atravessadas por anos de história e cultura e por diferentes povos e interações.

A descrição das características da língua bissau-guineense não somente permite a inserção desse idioma nos anais e registros do ambiente acadêmico, o que, por si só já justificaria esta tarefa, mas proporciona também o reconhecimento de um povo e a preservação de sua cultura e de sua língua.

Legitimar a língua bissau-guineense como língua de identidade nacional e de resistência é reconhecer o esforço e a luta do povo da Guiné-Bissau contra a secular opressão colonial. Esperamos, em nossa simplicidade, ter contribuído, neste trabalho, para essa legitimação.

Referências

ANTONINO, V. BANDEIRA, M. Nós, a gente e a concordância em uma comunidade afro-brasileira isolada. **Papia**, São Paulo, n. 21, v. 1, p. 159-176, 2011.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CÁ, Gesela José Gomes. **Processos de sociabilidade dos grupos de Mandjuandadi**: dinâmicas de um espaço cultural constituído pelas mulheres na Guiné-Bissau, 2023.

CÁ, J. F. **Aspectos linguísticos do guineense**: reflexões acerca de uma língua, 2021. 107p. Dissertação de Mestrado (Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG. Disponível em:

http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/46361/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Aspectos%20lingu%C3%ADsticos%20do%20guineense%3A%20reflex%C3%B5es%20acerca%20de%20uma%20l%C3%ADngua.pdf. Acesso em: 2 jan. 2024.

COELHO, R. F. **"É nós na fita!"** Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana: o pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo. São Paulo, 2006. 182f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

COUTO, H. H.; EMBALÓ, F. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. **Papia**: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, v. 20, p. 11-253, 2011.

DANFÁ, A. S. **Sujeito nulo e sistema pronominal do kriol: uma abordagem comparativa com o kabuverdianu**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2021.

DANFÁ, A. Variação fonológica no sistema pronominal do kriol: o caso de “bu”: Variação fonológica no sistema pronominal do kriol: o caso de “bu”. **Njinga e Sepé**: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras, v. 2, n. 1, p. 273-287, 2022.

DJALÓ, M. S. **Plenitude e funcionalidade da língua Guineense**: um estudo sociolinguístico sob a perspectiva dos usuários, 2023. 139p. Dissertação de mestrado em linguística na Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/18663>.

DUARTE, F. B. Distribuição de pronomes fortes, fracos e afixos em línguas de sujeito nulo. **Revista do Gel**, v. 5, n. 1, p. 31-56, 2008.

EMBALÓ, F. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. **Papia**, v. 18, p. 101-107, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/53157558-O-crioulo-da-guine-bissau-lingua-nacional-e-factor-de-identidade-nacional.html>.

- GUINÉ-BISSAU. **Recenseamento geral da população e habitação da Guiné-Bissau: características socioculturais**: III RGPH/2009. disponível em: Recenseamento geral da população e habitação Guiné-Bissau: III RGPH/2009 no catálogo SearchWorks (stanford.edu).
- INTUMBO, I. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**, 2007. 124p. Dissertação de Mestrado na área científica de Linguística Descritiva. Universidade de Coimbra. Coimbra.
- LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 14(2), P. 405-422, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44300>. Acesso em 24 jun. 2024.
- MARGOTTI, F. W.; MARGOTTI, R. C. M. F. **Morfologia do Português**. Morfologia do Português. Florianópolis – 2011.
- MATCHE, B. G. M. **Descrição preliminar da concordância nominal e verbal de terceira pessoa do guineense**, 2017. 20 f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras -Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras-Ihl, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1622>.
- MATTOS, S. E. R. A primeira pessoa do plural em Goiás. In: MARÇALO, M. J.; LIMA HERNANDES, C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Eds.) **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Universidade de Évora: Évora, 2010.
- MEDEIROS, A. D. **Um estudo sobre a variação linguística no português do Brasil**, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)—Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/7184>.
- NARO, A. J.; GORSKI, E; FERNANDES, E. Change without Change. **Language Variation and Change**, v.11, n.2, p. 197-211, 1999.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.
- NHAGA, G. J. **Formação de identidade nacional na Guiné-Bissau**, 2011. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) —Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/2104>.
- OMENA, N. P. de; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.75-84.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2005.
- PETTER, M. **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.
- RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português Brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo**, 2012. 323p. Tese de doutorado, Universidade estadual paulista “Júlio de Mesquita filho” - UNESP. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109234>. Aceso em: 23 ago. 2023.
- SCANTAMBURLO, L. **Dicionário Guineense**. Volume I. FAPESBI: Lisboa, 1999.
- SCANTAMBURLO, L. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense**, 2013. 346p. Tese de

Doutoramento em Linguística Especialidade de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Universidade nova de Lisboa. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/10362/10960>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, Porto Alegre, v.14, n.28-29, p.179-94, 2000.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **GoldVarb X: A Variable Rule Application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SILVEIRA, G. **O comportamento sintático dos clíticos no português brasileiro**. Dissertação de Mestrado, 1997. 112p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/112183>.

TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. Curitiba, 2002. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

VIANNA, J.B.S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. Rio de Janeiro, 2006. 109f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – UFRJ.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Submetido em 24 de junho de 2024

Aprovado em 16 de dezembro de 2024